

Metaplasmos: Mapeamento de Alguns dos Fenómenos Linguísticos no Português Falado em Angola – Luanda

Metaplasms: Mapping of Some of the Linguistic Phenomena in Portuguese Spoken in Angola - Luanda

Metaplasmas: Mapeo de Algunos Fenómenos Lingüísticos del Portugués Hablado en Angola - Luanda

Ester Mátua José Diahoha

(Ensaísta, revisora e estudante finalista do curso Ensino do Português e Línguas Nacionais na Universidade Jean Piaget de Angola/Luanda)



Resumo: A questão “tempo” e intercâmbio linguístico entre o Português e as Línguas Bantu de Angola vem influenciando o discurso dos falantes da Língua Portuguesa em Luanda, essa influência não consiste apenas na estruturação sintáctica do discurso, mas também na manifestação fonológica do léxico. Disso constata-se fenómenos linguísticos que caracterizam o cotidiano desses falantes.

Palavras-chave: metaplasmos, fonologia, economia linguística, variação linguística.

Abstract: The issue of “time” and exchange between Portuguese and the Bantu Languages of Angola has influenced the speech of Portuguese speakers in Luanda. This influence does not only consist of the syntactic structuring of the speech, but also in the phonological manifestation of the lexicon. Furthermore linguistic phenomena can be seen that characterize the daily lives of these speakers.

Keywords: metaplasms, phonology, speech economy, linguistic variation.

Abstracto: La cuestión de “tiempo” y el intercambio entre el Portugués y las Lenguas Bantúes de Angola ha influido en el habla de los hablantes de Portugués en Luanda, esta influencia no consiste sólo en la estructuración sintáctica del habla sino también en la manifestación fonológica del léxico. Además se pueden observar fenómenos lingüísticos que caracterizan la vida cotidiana de estos hablantes.

Palabras clave: metaplasmas, fonología, economía del habla, variación linguística.

“Podemos partir do princípio de que a evolução de uma
língua depende da evolução das necessidades
comunicativas do grupo que a emprega. É claro que a
evolução destas se encontra em relação directa com a
evolução intelectual, social e económica do grupo.”
(Martinet, 1991, p.162)

A língua é um organismo vivo, susceptível à influências e transformações no seu processamento como mecanismo de comunicação. A Língua Portuguesa é uma das demonstrações desse facto. Com menor influência do Árabe, Germânico, Francês,

Espanhol e maior influência do Latim, surge o que se conhece hoje por Língua Portuguesa.

Não existe a pretensão de se determinar uma transformação permanente no Português em Angola, apenas a compreensão de alguns dos aspectos que se dão nela mapeando uma questão pontual no seio dos falantes de Língua Portuguesa em Luanda. Chama à atenção a autonomia com que as palavras ganham forma na comunidade e, apesar disso, organizada e justificadamente.

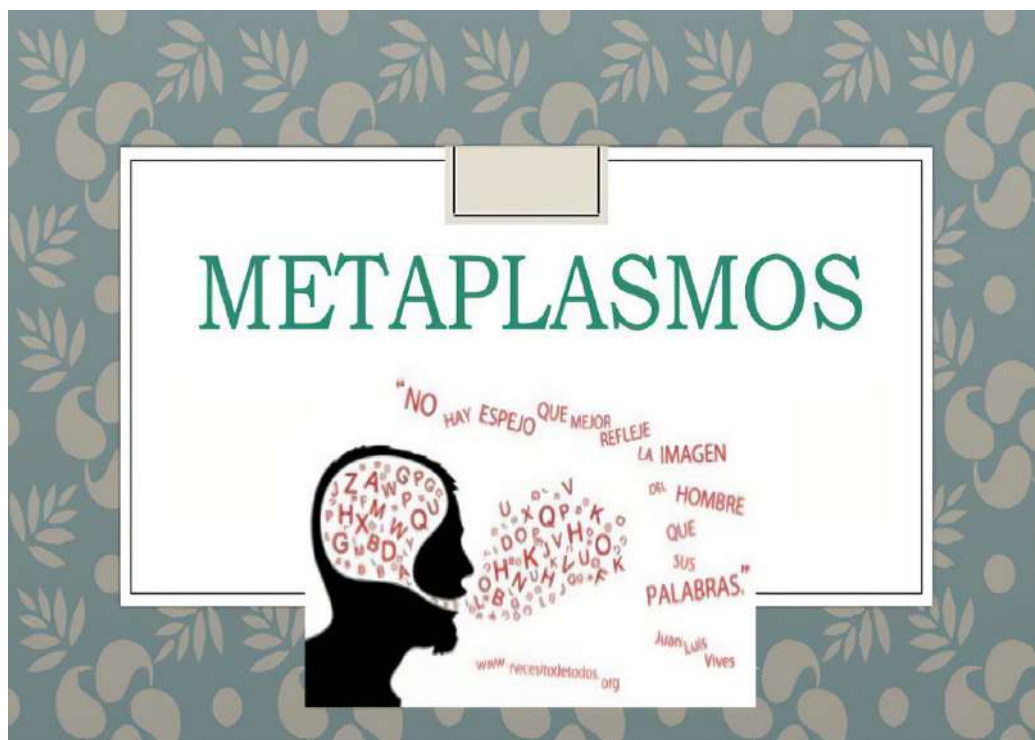
O estudo foi centrado num corpus lexical recolhido na cidade de Luanda. Por ser uma cidade cosmopolita, oferece um rico objecto de estudo que visa mapear alguns dos fenómenos linguísticos no Português falado nesta cidade além de:

- Usar os metaplasmos para estudar e justificar esses fenómenos;
- Trazer elementos intrínsecos ao acontecimento;
- E influenciar a visão social que se tem desses fenómenos.

O que estaria na base dos fenómenos linguísticos identificados no português falado em Luanda?

Os fenómenos que ocorrem na língua num determinado ciclo de falantes, posteriormente se propagam e anexam como parte integrante dela de uma forma natural. A língua engloba questões socio-políticas e culturais, Chelini (2006) cita Saussure enfatizando a inter-relação e a dinâmica entre a língua e uma raça onde ela se configura. Mantêm-se conectadas num ponto de intercessão, a língua, elemento chave para a comunicação num grupo de indivíduos e a cultura usando a língua como um dos canais para a sua manifestação.

Para Coutinho (1976, p.142), o termo metaplasmo



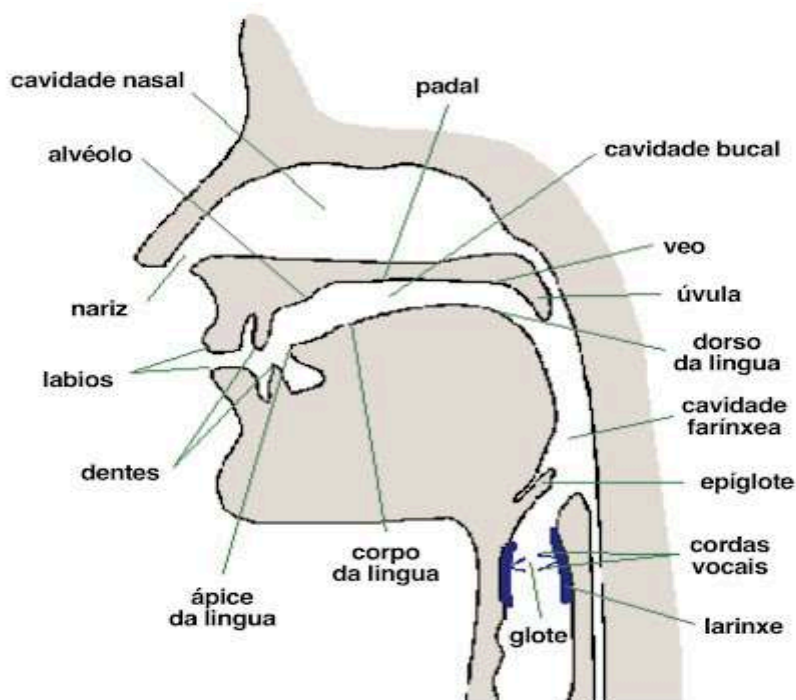
originado do grego, significa “mudança de forma”, «*sendo todas as alterações fonéticas que ocorrem nas palavras ao longo de sua evolução em uma língua, o que a ajuda a compreender a etimologia de muitas dessas palavras*». As configurações na língua não acontecem de forma isolada, essas alterações fonéticas, como consequência, influenciam e alteram também a apresentação gráfica dessas palavras acompanhadas à dinâmica fonológica.

Martinet fundamenta a questão:

Aparecem novos fonemas, novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e caem no esquecimento. Dá-se isto sem alguma vez parecer aos locutores que a língua que falam e que se fala à sua volta deixa de ser idêntica a si mesma.(Martinet, 1991, p.162)

Esse processamento é contínuo (Azeredo, 2008), natural e inerente às funções cognitivas dos falantes. A economia linguística ou economia da fala é um fenómeno que consiste na eliminação de certos monemas e fonemas com o objectivo de facilitar e simplificar o acto de fala, além da criação de novas configurações linguísticas no intuito de aumentar a efectividade e dinâmica da comunicação. Martinet (1991) diz estar ligada às necessidades comunicativas do homem e ao trabalho voltado à lei do menor esforço,

usando apenas o mínimo e necessário das actividades cognitivas e biológicas para a efectuação da comunicação.



Outro factor patente é a articulação na fala, a produção de vários fonemas (vocálicos ou consonânticos) através da coordenação de movimentos dos vários órgãos fonatórios, isso falando dos pontos de articulação da fala, sendo que esse processamento, apesar de usado na enunciação de palavras em todas as línguas, diversifica a sua manifestação tendo em conta a configuração que cada língua apresenta. Numa língua, um mesmo fonema poderá, em comparação à outra, ser enunciado em um ponto de articulação diferente. Daí a dificuldade ao enunciar palavras de uma língua nova, activa pontos não comuns para o aparelho em função da língua. Às vezes ocorre a fonologização, quando *«uma língua passa a fazer uma distinção fonémica, que não possuía, em virtude de contactos com outra língua, onde a diferenciação é pertinente»*. (Barbosa, 2024, s/p), *«considera apenas uma comodidade de adaptação dos órgãos do som, ou seja, adaptação da base física da fonação»*. (Kuroda, 2020, s/p). Poderemos constatar isso em alguns dos léxicos em estudo.

Constituiu-se um corpus lexical de 30 palavras/expressões identificadas no cotidiano dos falantes habitantes em Luanda. Importa abrir um parentêsis para notificar que esses fenómenos também sucedem em outras zonas geográficas de Angola:

1.º Acarretar	16.º Enxotar
2.º Ainda	17.º Está
3.º Balde	18.º Estalagem
4.º Bar	19.º Estás a ver
5.º Bolo	20.º Estou
6.º Estamos	21.º Falar
7.º Como é	22.º Lhe
8.º Como é que é	23.º Mesmo
9.º Como é que eu estou	24.º Não
10.º Congolenses	25.º Obrigado
11.º Dá	26.º Projecto
12.º De	27.º Saldo
13.º Directo	28.º Teu
14.º Dúvida	29.º Vais
15.º Embora	30.º Vamos

Coutinho (1976) classifica os metaplasmos em:

- por troca ou permuta, porém usaremos nesse estudo a expressão “transformação” que é mais usual;
- por acréscimo;
- por supressão;
- por transposição.

A análise será feita baseando-se na classificação de Coutinho:

1.º Acarretar > carretar/cartar

Ocorre:

- Supressão por aférese em *carretar*.
- Ou supressão por síncope em *cartar*.

2.º Ainda > inda

Ocorre supressão por aférese.

3.º Balde > barde

Ocorre transformação por rotacismo.

As vibrantes /lê/ e /rê/ são velares, articuladas no mesmo ponto da fala. Susceptível a troca nas palavras, tendo em conta a comodidade na fala dos falantes.

4.º Bar > bari.

Ocorre acréscimo por paragoge.

5.º Bolo > mbolo

Ocorre transformação por nasalização.

Influência das Línguas Bantu Angolanas em dois aspectos:

- Os diacríticos nasalizados (exemplo: mb, nd, mp, etc.);
- Processo de assimilação, acarreta o léxico para o português. Exemplo: *mbolo*, em Kikongo ou *ombolo*, em Umbundu.

6.º Estamos > tamos/tamu

Ocorre:

- Supressão por aférese em *tamos*.
- Supressão por aférese e apócope em *tamu*.

7.º Como é > comé

Ocorre supressão por sinalefa.

8.º Como é que é > comekie

Ocorre supressão por sinalefa em *como é > comé* e *que é > ké*.

9.º Como é que eu estou > comocotô

Ocorre:

- Supressão por sinalefa em *como é > comé*.
- Supressão por sinalefa em *que eu > ké*.

- Supressão por aférese e apócope em *estou* > *tô*.

10.º Congolenses > scongolens

Ocorre:

- Acréscimo por prótese.
- Supressão por apócope.

11.º Dá > nda

Ocorre transformação por nasalização.

Obs.: comentário no quinto léxico.

12.º De > nde

Ocorre transformação por nasalização.

Obs.: idem.

13.º Directo > direito

Ocorre transformação por vocalização.

14.º Dúvida > nduvida

Ocorre transformação por nasalização.

Obs.: comentário no quinto léxico.

15.º Embora > mbora

Ocorre supressão por aférese.

16.º Enxotar > xotar.

Ocorre supressão por aférese.

17.º Está > tá

Ocorre supressão por aférese.

18.º Estalagem > stalaz

Ocorre:

- Supressão por aférese.
- Supressão por apócope.

19.º Estás a ver > tasavê

Ocorre:

- Supressão por aférese em *estás*.
- Supressão por sinalefa em *estás a* > *tasa*.
- Supressão por apócope em *ver*.

20.º Estou > tô

Ocorre:

- Supressão por aférese.
- Supressão por apócope.

21.º Falar > falá

Ocorre supressão por apócope.

Registado na maioria dos verbos no modo infinitivo. Exemplo: comer > comê; dançar > dançá; dormir > dormi.

22.º Lhe > le

Ocorre transformação por despalatização.

23.º Mesmo > memo

Ocorre supressão por síncope.

24.º Não > nu/num

Ocorre:

- Supressão por apócope em *nu*.
- Transformação por monotongação em *num*.

25.º Obrigado > brigado

Ocorre supressão por aférese.

26.º Projecto > projeto

Ocorre transformação por vocalização.

27.º Saldo > sardo

Ocorre transformação por rotacismo.

Obs.: comentário no terceiro léxico.

28.º Teu > to

Ocorre transformação por monotongação.

29.º Vais > vaz

Ocorre transformação por monotongação.

30.º Vamos > vamu

Ocorre supressão por apócope.

O corpus seleccionado enquadra-se para o estudo com o uso dos metaplasmos. Conseguiu-se observar o processamento das palavras e expressões do corpus, partindo do português “actual-padrão” até à configuração de uma amostra do português que se apresenta hoje em Luanda.

A língua não é um sistema completo, nem fechado.¹ A sua evolução é inevitável. Funciona como um habitat onde eclodem os ovos de um parasita. Consideraremos cada eclosão um clique silencioso que catapulta a língua para um novo ponto sem que haja uma deturpação, a alteração é notória em análises ou no intercâmbio entre falantes da mesma língua onde se poderá conotar a fenda linguística que surge desse salto fonológico.

Ninguém tem a impressão de que a língua que fala se modifique durante a sua vida ou de que não se exprimam de maneira uniforme as várias gerações coexistentes. Tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e homogeneidade da

¹ meuartigo.brasilecola.uol.com.br

língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem de como falavam dez ou vinte anos antes. Além disso, convém-lhes naturalmente não notar o que poderia contribuir para retardar a compreensão da mensagem, e bem assim ignorar qualquer divergência que não impeça tal compreensão. (Martinet, 1991, p.161)

No corpus em estudo, os metaplasmos mais identificados foram o de supressão por aférese e apócope, o menos identificado foi o de acréscimo em função da dinâmica comunicativa *«um monema em vez de vários, menos sílabas, menos fonemas»*. (Martinet, 1991, p.165).

Inicialmente, esses fenómenos detêm-se ao discurso oral sendo posteriormente abrangidos ao discurso escrito de alguns falantes. Além disso, os fenómenos ocorridos no corpus em estudo alteram apenas a questão fonológica e a escrita desses léxicos sem influenciar a questão semântica.

O intercâmbio com as Línguas Bantu de Angola teve influência no processamento desses fenómenos. *«É na linguagem que se reflectem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos»*. (Callou & Leite, 2002, p.7) Os léxicos *barde* e *sardo* são muito identificados entre os falantes do grupo étnico Akongo e os léxicos *nda*, *nde*, e *nduvida* entre os falantes do grupo étnico Ovimbundu, por exemplo.

«Essas transformações não se deram por acaso, não foram produzidas pela moda ou capricho, mas obedeceram a tendências naturais, a hábitos fonéticos e espontâneos». (Coutinho, 1974, p.13) de forma constante e inconsciente”. (Melo, 1971).

A língua vai-se adaptando à dinâmica da necessidade de comunicação dos falantes. O que deixa em alerta os linguistas, pois é difícil prever os possíveis mapeamentos de pesquisas nos próximos dez anos, por exemplo, já que *«a todo o momento a língua está a evoluir. Basta examinar com pormenor o seu funcionamento para nele descobrir os vários processos que poderão torná-la mais tarde dificilmente reconhecível»*. (Martinet, 1991, p.161)

Depreende-se nas transformações linguísticas, três acometimentos decisivos:²

1. Associação língua-cultura;

² meuartigo.brasilecola.uol.com.br

2. Natureza estilística.

3. Sistema – estrutura em que os elementos estão ligados entre si por associações e contrastes.

Uma língua que para no tempo é uma língua que deixou de coexistir no espaço de comunicação. Toda língua circulante está sujeita à elasticidade constante e permanente, influenciada por factores externos (variações, falantes, cultura) e internos (linguística) à ela que a transmutam no decorrer do tempo. Esse pensamento permite enxergar que o português falado em Luanda não é o mesmo que o de ontem e, axiomáticamente, não será o de amanhã.

A língua também é moldada pelos falantes e pelo tempo. O mapeamento faseado dessas transformações serve de guia base para o arquivo histórico da língua bem como objecto de estudo para a compreensão de muitos fenómenos linguísticos taxados como “erros linguísticos”, sendo que estes a enriquecem e alavancam-na para a evolução.

Referências bibliográficas

Azeredo, J. C. (2008). *Gramática Houssais da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha.

Coutinho, I. L. (1976). *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

Coutinho, I. L. (1974). *Pontos de Gramática histórica*. (6.^a Edição). Rio de Janeiro: Adêmica.

Kuroda, M. S. B. (2020). *Metaplasmos e a Corrente de Correspondências na Língua Portuguesa do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista Philologus, Ano 20, N.º 58, CiFEFiL, jan./abr.2014. www.filologia.org.br/revista158-RPh58.pdf#page=89, acessado em 6 de Agosto de 2024 pelas 9:54

Leite, Y. & Callou, D. (2002). *Como Falam os Brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Martinet, A. (1991). *Elementos de Linguística Geral*. (11.^a Edição). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. Tradução de Barbosa, J. M.

Melo, G. C. (1971). *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

meuartigo.brasilecola.uol.com.br/português/metaplasmos-na-lingua-portuguesa-no-brasil.htm, acessado em Agosto de 2024.

Pedro, A. J. (2024). *Miscigenação Fonológica da Variante do Português Falado em Angola*. www.universolitteragris.com, acessado em 5 de Agosto de 2024.

Pereira, P. A. C. (2022). *Fonologia e Morfologia do Português*. (3.^a Edição). Luanda: Centro de Investigação e Inovação. Colecção Língua Portuguesa.

Saussure, F. (2006). *Curso de Linguística Geral*. (29.^a Edição). São Paulo: Editora Cultrix. Organizado por Bally, C. & Sechehaye A., com a colaboração de Riedlinger, A. Tradução de Chelini, A., Paes, J. P. & Blikstein, I.